

Kirill Gerstein



31 mar 25

31 mar 25 SEGUNDA 20:00

GRANDE AUDITÓRIO

Kirill Gerstein Piano

Robert Schumann

Blumenstück, op. 19

c. 7 min.

Thomas Adès

Az ág

c. 1 min.

Robert Schumann

Carnaval, op. 9

c. 29 min.

1. *Préambule*
2. *Pierrot*
3. *Arlequin*
4. *Valse noble*
5. *Eusebius*
6. *Florestan*
7. *Coquette*
8. *Réplique*
9. *Papillons*
10. *A.S.C.H. – S.C.H.A. (Lettres dansantes)*
11. *Chiarina*
12. *Chopin*
13. *Estrella*
14. *Reconnaissance*
15. *Pantalon et Colombine*
16. *Valse allemande – Paganini: Intermezzo – Tempo 1*
17. *Aveu*
18. *Promenade*
19. *Pause*
20. *March des Davidsbündler contre les Philistins*

INTERVALO

György Kurtág

Virág az ember... / Flores somos nós
(de *Játékok* Vol. 1)

c. 1 min.

Thomas Adès

Thrift

c. 5 min.

Sergei Rachmaninov

Lilases, op. 21 n.º 5

c. 3 min.

Piotr Ilitch Tchaikovsky

Valsa da Flores (de *O Quebra-Nozes*)

c. 7 min.

Francisco Coll

Two Waltzes Toward Civilization

(obra inspirada em *Poeta em Nova Iorque* de F. G. Lorca) *

c. 10 min.

1. *Waltz in the branches*
2. *Little Viennese Waltz*

Maurice Ravel

La Valse

c. 12 min.

* Estreia em Portugal:
Encomenda de John Kongsgaard
e Chamber Music in Napa Valley
para Kirill Gerstein.

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 1h 40 min.
INTERVALO DE 20 MIN.

Robert Schumann

(Zwickau, 1810 – Eendenich, 1856)

Blumenstück, op. 19

—

COMPOSIÇÃO 1839

DURAÇÃO c. 7 min.

Carnaval, op. 9

—

COMPOSIÇÃO 1835

DURAÇÃO c. 29 min.

Robert Schumann afirmou-se no Romantismo alemão através de ciclos de peças características para piano. *Carnaval*, op. 9, é uma obra de juventude, completada em 1835 quando o compositor mantinha uma relação com Ernestine von Fricken. Nascida em Asch, na Boémia, a sequência das notas em que os temas de *Carnaval* se baseiam é o anagrama dessa cidade. Na obra, entram personagens da *commedia dell'arte*, pseudónimos de Schumann, colegas e amigos. O ciclo tem início com *Préambule*, uma marcha inspirada na música de Schubert. *Pierrot* caracteriza-se pelos jogos de pergunta-resposta oscilantes entre o sério e o lúdico, cedendo lugar à miniatura brincalhona e animada *Arlequin*. Uma valsa solene prepara a entrada em cena de *Eusebius*, um alter-ego introspectivo de Schumann. O mundo do devaneio interior reflete-se numa melodia lírica apresentada sobre um acompanhamento fluido. *Florestan* é um pseudónimo complementar do compositor, intenso e apaixonado, caracterizado por frases em arco e uma secção movimentada. À elegância sinuosa de *Coquette* segue-se o *cantabile* de *Réplique*. A leveza e circularidade repetitiva do voo das borboletas

encontram-se representadas em *Papillons*. O contexto de baile emerge em *A.S.C.H.* – *S.C.H.A. (Lettres dansantes)*, secção em que as apojaturas enfatizam as notas principais. O momento lírico em rubato *Chiarina* representa a pianista Clara Wieck. Um noturno relembra a música de Chopin, que antecipa a atmosfera contemplativa de *Estrella*, representando Ernestine; os contrastes da ópera italiana são apresentados em *Reconnaissance*. Schumann retrata os personagens de *commedia dell'arte*, *Pantalon* et *Colombine*, através do movimento vivo e brincalhão, que dá lugar a uma Valsa alemã com acentuações deslocadas, interpolada por uma secção virtuosística evocativa de Paganini. *Aveu* é um momento leve e emotivo e *Promenade* remete para o balanço do caminhar. A intensidade e o movimento de *Pause* precedem o final, em que o compositor recapitula os materiais numa textura de marcha.

Carnaval é uma obra escrita sob o espectro de Ernestine von Fricken, em que aparece Clara Wieck. Em *Blumenstück*, a vida do compositor tinha mudado. A relação com Clara e as perspectivas de noivado dominaram a vida pessoal de ambos. A obra foi composta pouco antes do casamento, quando Clara gozava de grande notoriedade em Viena enquanto pianista virtuosa. Robert tinha-se deslocado a essa cidade em busca de apoios para a publicação do seu *Neue Zeitschrift für Musik*, um periódico marcante para a música do Romantismo. *Blumenstück* é uma sucessão de miniaturas contrastantes em forma de rondó, em que a segunda peça funciona como refrão. A primeira secção caracteriza-se pelo melodismo *cantabile* sobre um

acompanhamento regular e rarefeito que contrasta com a secção seguinte, mais lenta e instável, em que o acompanhamento sincopado catalisa o movimento. O episódio que se segue é leve e brincalhão, com uma narrativa marcada pelas acentuações e síncopas. Após o regresso da segunda miniatura, a quarta parte apresenta um carácter misterioso, desembocando num episódio cinético cuja leveza é marcada pela repetição intensificadora de tensão. Um breve retorno à segunda peça, em menor e maior, prepara o regresso do tema inicial, que conduz a uma cadência inspirada nos materiais da segunda peça de *Blumenstück*, como uma sequência de quadros de flores variadas.

Thomas Adès

(n. Londres, 1971)

Az ág

—

COMPOSIÇÃO 2022

DURAÇÃO c. 1 min.

Thrift

—

COMPOSIÇÃO 2011

DURAÇÃO c. 5 min.

Thomas Adès é uma referência da composição contemporânea, cujo estilo funde universos sonoros distintos. *Thrift* foi composta em 2011 e resultou de uma encomenda dos *Rencontres Musicales en Lorraine*. Estreada em Paris a 13 de março de 2012 por Hugues Leclère (o seu dedicatário), estiliza a mazurca, dança da Europa Central tão cara aos românticos. Adès transformou a textura

de forma extrema, moldando *Thrift* como um espectro imaterial e fúnebre da mesma. A melodia em contraponto, marcada pela angularidade e pela repetição, é desfasada até atingir uma forma fragmentária que se sobrepõe a um acompanhamento circular. As células melódicas cristalinas destacam-se sobre o acompanhamento regular. A ornamentação, sobretudo os trilos, tornam-se um elemento fundamental, sublinhando a dissonância e a densidade crescente em que a dança romântica paira.

A miniatura *Az ág* foi escrita em 2022 para o destacado pianista Víkingur Ólafsson. Nela, a sobreposição de planos sonoros distintos dilui a melodia angular que flutua sobre movimentos circulares e pendulares de agregados sonoros dissonantes. O foco no registo agudo com sobreposições próximas de vozes aproveita a ressonância do piano. A expansão progressiva do registo do instrumento ao longo da peça, até atingir os graves, conduz a obra ao final.

György Kurtág

(n. Lugoj, 1926)

Virág az ember... / Flores somos nós

—

COMPOSIÇÃO 1973

DURAÇÃO c. 1 min.

A música do húngaro György Kurtág ilustra a produção musical vanguardista de um país que mantinha uma relação tensa com os cânones ligados ao realismo socialista. Assim, a textura ganhou primazia, libertando os processos criativos dos modelos soviéticos, do serialismo múltiplo europeu e do indeterminismo norte-americano. O universo infantil

emerge em *Játékok*, um conjunto de curtas peças de caráter pedagógico iniciado em 1973 e publicado em diversos volumes. Nelas, a primazia de motivos e de técnicas de montagem sobrepõe-se a outros paradigmas. Em *Virág az ember...*, o uso do silêncio e da ressonância criam um espaço sonoro tridimensional e sublinham a simplicidade de uma curta melodia angular.

Sergei Rachmaninov

(Semyonovo, 1873 – Beverly Hills, 1943)

Lilases, op. 21 n.º 5

—

COMPOSIÇÃO 1902

DURAÇÃO c. 3 min.

O virtuosismo pianístico do Romantismo marcou a produção de Sergei Rachmaninov. O início do século XX assistiu ao casamento de Rachmaninov com Natalia Satina e a sua afirmação enquanto compositor. Entre abril de 1902 e maio de 1903, o casal visitou a Europa ocidental. O compositor escreveu os *Doze romances*, op. 21, entre 1900 e 1902. Neles, o piano realiza meditações complementares sobre os textos. *Lilases* é uma transcrição para piano de uma dessas canções, escrita em 1902. O poema é da autoria de Ekaterina Beketova e aborda a busca da felicidade do sujeito poético e o seu consolo em ver lilases em botão. A transcrição para piano de *Lilases* foi realizada entre 1913 e 1914. A longa melodia em *legato* emerge a partir de um acompanhamento na forma de movimento perpétuo. A textura fluida e a exploração dos registos do piano reforçam a imaterialidade e o universo

de devaneio do poema. Esse episódio é interrompido por uma curta passagem virtuosística, semelhante a uma cadência. Passagens rápidas que exploram o registo do instrumento complementam a textura leve e esparsa, que se desvanece no final.

Piotr Ilitch Tchaikovsky

(Votkinsk, 1840 – São Petersburgo, 1893)

Valsa das Flores (de *O Quebra-Nozes*)

—

COMPOSIÇÃO 1892

DURAÇÃO c. 7 min.

Os bailados de Tchaikovsky marcaram o final do século XIX e a história natalícia de *O Quebra-Nozes* faz parte do imaginário dos frequentadores dos teatros e salas de concerto. Apesar da estreia acidentada no final de 1892, o ballet foi reformulado ao longo do século XX. Tchaikovsky escreveu uma suite com algumas passagens do bailado e apresentou-a em São Petersburgo alguns meses antes da estreia coreográfica e, em 1897, arranjou-a para piano solo. *A Valsa das Flores* é um momento emblemático do final do segundo ato de *O Quebra-Nozes* e Tchaikovsky decidiu terminar a suite com ela. A valsa começa com uma textura vertical em acordes, intercalados por arpejos, um modelo de introdução frequente no género. Essa preparação conduz a uma cadência livre e com interlúdios virtuosísticos que antecipam a entrada na textura de valsa. O seu tema é apresentado em acordes e depois na forma de uma melodia ondulante interpolada por acordes. A repetição da melodia ondulante enfatiza e reforça a atmosfera da passagem, conduzindo

a uma curta secção intermédia de carácter lúdico e brilhante. O tema principal da valsa regressa, numa textura densa e intensa, recriando a orquestração cheia da peça. O regresso, de forma ornamentada, do tema principal e uma aceleração conduzem ao final apoteótico da obra.

Maurice Ravel

(Ciboure, 1875 – Paris, 1937)

La Valse

—

COMPOSIÇÃO 1919-1920

DURAÇÃO c. 12 min.

A relação de Maurice Ravel com os *Ballets Russes* impulsionou a composição de *La Valse*. A partir da intenção de escrever uma obra inspirada em valsas vienenses, Ravel concebeu a peça como um bailado a ser apresentado pela companhia modernista. Escrita entre 1919 e 1920, sobrepõe o hedonismo da valsa vienense da *Belle Époque* à assombração dos fantasmas da Primeira Guerra Mundial. O empresário Sergei Diaghilev recusou-a, por não a achar eficaz como bailado, e Ravel apresentou *La Valse* como obra orquestral em Paris, a 12 de dezembro de 1920. A estreia esteve a cargo da Orquestra Lamoreaux dirigida por Camille Chevillard. Com o subtítulo *poème choerégraphique*, é um exercício estilístico e de orquestração. A versão para piano solo é pouco tocada, mas pensa-se que foi a base para a obra orquestral e sua posterior transcrição para dois pianos. De grande dificuldade técnica e expressiva, tenta recriar a orquestração meticulosa de Ravel. *La Valse* começa com uma passagem em que o caos informe

apresenta alguns elementos recorrentes na obra. O foco no registo grave e as passagens rápidas e virtuosísticas evocam a tragédia do conflito armado, na qual uma textura de valsa toma, gradualmente, forma. Com a entrada da dança, explorando os registos do piano, a obra ganha leveza, contrastando com o início. Uma sucessão de episódios variados, de momentos verticais e afirmativos a passagens rápidas em escalas, arpejos e *glissandi* emulam as cores da paleta orquestral de Ravel. Uma melodia é apresentada, em oitavas quebradas, sobre o acompanhamento, conduzindo ao regresso do tema inicial. A reexposição da valsa é realizada de forma virtuosística e pirotécnica, atravessando o espectro sonoro do piano. Um curto interlúdio lento antecipa uma dança que recapitula e sobrepõe os materiais da peça, num frenesim distorcido e trágico, repetido até ao colapso final.

NOTAS DE JOÃO SILVA

Francisco Coll

(n. Valência, 1985)

Two Waltzes Toward Civilization

—

COMPOSIÇÃO 2024

DURAÇÃO c. 10 min.

Inspirado pelo magistral conjunto de poemas de Federico García Lorca, *Poeta em Nova Iorque*, Francisco Coll compôs uma obra em dois andamentos, ambas valsas, refletindo sobre a natureza confrontacional dos temas utilizados por Lorca ao longo do texto. A poesia oscila em momentos de crise, e este mundo no fio da navalha está presente na escrita dramática, colorida e muitas vezes extrema de Coll.

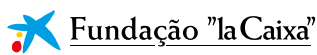
A valsa de abertura, *Valsa nos ramos*, começa com floreados e sinos antes de se estabelecer em tempo ternário, com ritmos sensuais e golpes em *staccato*. A música dança através de diferentes paisagens musicais, tentando encontrar sempre um lugar para si, tal como Lorca procurou fazer com a sua poesia. No segundo andamento, *Pequena Valsa Vienense*, Coll inspira-se nas imagens que Lorca cria no poema com o mesmo nome — belas cenas que são torcidas e retorcidas em algo mais macabro. A natureza jovial da valsa vienense é quebrada e distorcida na música de Coll, com uma melodia melancólica e livre sustentada por mudanças harmónicas e rítmicas surreais. A música é desfeita nos seus gestos, tropeçando em si mesma, tornando-se intensa, pesada e obsessiva, ecoando os temas de morte e perda do poema.

FABER MUSIC

Kirill Gerstein

Kirill Gerstein explora um vasto repertório, relacionando-se com muitas das principais orquestras mundiais, bem como maestros, instrumentistas, cantores, compositores, festivais, editoras e plataformas de media. Recentemente, foi Artista em Residência na Orquestra Sinfónica da Rádio da Baviera e no Festival d'Aix-en-Provence, Artista em Destaque na Sinfónica de Londres e curador do ciclo de concertos *Busoni and his World* no Wigmore Hall. Os destaques da presente temporada incluem: o Concerto de Câmara de Alban Berg, com Heinz Holliger e a Orquestra de Câmara da Europa; o Concerto op. 39 de Busoni, com a Filarmónica de Berlim, a Orquestra Nacional de França, a Sinfónica da BBC e a Orquestra Gulbenkian; o Concerto para Piano n.º 3 de Rachmaninov, com Santtu-Matias Rouvali e a Orquestra do Real Concertgebouw de Amesterdão; os dois Concertos para Piano de Chostakovitch, com a Staatskapelle Dresden e Marie Jacquot; e recitais em Nova Iorque, Viena, Berlim e Londres. Kirill Gerstein nasceu em 1979, em Voronej, na Rússia. Estudou repertório clássico e jazz e em 1993 mudou-se para Boston, nos EUA, onde se tornou no mais jovem aluno a ingressar no Berklee College of Music. Aos 16 anos diplomou-se pela Manhattan School of Music, seguindo-se estudos de aperfeiçoamento com Dmitri Bashkirov, em Madrid, e Ferenc Rados, em Budapeste. Em 2001 venceu o Concurso Arthur Rubinstein e em 2002 o Gilmore Artist Award. Em 2010 foi distinguido com o Avery Fisher Career Grant e o Gilmore Artist Award. Kirill Gerstein é professor de piano na Hanns Eisler Hochschule de Berlim e na Kronberg Academy. Ensina também nas academias do Festival de Verbier e IMS Prussia Cove. Em 2021, a Manhattan School of Music concedeu-lhe um Doutoramento Honorário em Música.

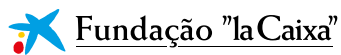
A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



MECENAS
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS PARA PIANO E ORQUESTRA



MECENAS
SEGURADORA OFICIAL



MECENAS
CICLO DE PIANO



De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa foi impresso em papel produzido a partir de florestas plantadas com gestão sustentável, oferecido pela **The Navigator Company**.

